



julio pastore

coordenador do projeto
do "Jardim de Sequeiro"



Julio Pastore é professor de Paisagismo na FAV/UnB e atua como coordenador de Parques e Jardins na PRC/UnB. Formado em Agronomia pela Universidade Federal de Goiás, é mestre em Paisagismo pela Università degli Studi di Firenze, na Itália, e doutor em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo.

O Jardim de Sequeiro é um "jardim temporário" que apresenta uma vegetação bastante diversificada, florescendo em harmonia com o ciclo da paisagem do cerrado e suas estações.

Situado no **Instituto Central de Ciências (ICC)**, um edifício emblemático da arquitetura moderna brasileira, projetado por Niemeyer e Lelé.





um jardim tem- porário

CAROLINA BORGES

Júlio, em primeiro lugar quero agradecer, em nome da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica, pela sua disponibilidade em nos conceder essa entrevista. A pergunta é sobre como tudo começou: o que te motivou a seguir pelo caminho do paisagismo?

JULIO PASTORE

A gente sempre acaba encontrando mil respostas para a mesma pergunta. Cada vez a gente destaca um ponto, esquece outro... As razões são muitas e mudam com o tempo.

Eu poderia dizer que foi porque meu pai tinha uma empresa de paisagismo, e era paisagista, então eu acabei me envolvendo com isso dentro de casa. Ou porque, lá em casa, **plantas sempre foram assunto** — no quintal, na chácara... viver isso era muito importante

Mas eu acho que, no fundo, é uma daquelas escolhas que você vai perseguindo, ainda que de forma instintiva, porque te dá alegria. Mexer com plantas me dá muita alegria. E acho que também pensar nas soluções para os lugares — essa coisa do projeto — sempre me agradou. Talvez por um lado mais intelectual... ou talvez por essa relação com as plantas mesmo, que me faz bem.

Com o tempo, percebi que essa alegria não é só minha. Muita gente também sente isso — quem participa do projeto do Jardim de Sequeiro, ou quem se interessa por paisagismo e jardinagem. Isso alimenta as pessoas também.

Gosto muito de cultivar, de observar, estou sempre atento, interessado. Acho que tenho muita sensibilidade para a diferença que as plantas trazem aos lugares. Talvez pelo contato, pela influência dos meus pais. E também gosto muito da parte do projeto — de pensar soluções, desenvolver possibilidades, explorá-las.



CAROLINA BORGES

Fale um pouco pra gente sobre o processo criativo na realização de um jardim, desde o desenvolvimento de um conceito, o projeto, até a sua execução.

JULIO PASTORE

Então... acho que, pra seguir uma resposta mais linear, mais objetiva — porque também dava pra me perder em todos os aspectos da pergunta —, eu começaria dizendo que tudo parte da percepção do local.

O que faz aquele lugar ser bom? Ou como ele poderia ser bom? O que está faltando? O que pode ser feito pra melhorar a vivência daquele espaço? O que pode ser explorado? Quais são as potencialidades — ou as dificuldades que precisam ser resolvidas?

A partir dessa percepção inicial, surgem muitos caminhos possíveis. Mas, superada essa etapa de conhecer o lugar e entender o que pode ser feito pra explorar o máximo do seu potencial, aí entra a parte de mobilizar o seu conhecimento e as suas referências pra viabilizar tecnicamente essas soluções.

Essa é uma etapa muito rica — e muito carente também. Envolve várias decisões: quais conhecimentos, recursos e referências você consegue mobilizar pra enriquecer a proposta?

E, a partir daí, vem a força de fazer acontecer. Porque muitas vezes isso inclui também o cuidado posterior, pra que aquilo que você planejou realmente funcione.

**“plantas
sempre
foram
assunto”**





CAROLINA BORGES

No momento da execução ocorrem muitas mudanças no projeto?

JULIO PASTORE

Eu falei no começo que as respostas podem ser problematizadas. Por exemplo, eu acredito que as melhores ideias nascem no local.

E mesmo assim, não dá pra negar que a gente já carrega alguns temas e algumas idéias que estamos querendo trabalhar e explorar. Por exemplo, o meu caso: ultimamente venho fazendo muitos jardins de composição naturalista, explorando plantas herbáceas. Tenho vontade de explorar isso e acaba que essa solução aparece para mim muitas vezes, porque eu quero explorar esse tema.

Mas uma vez que o projeto está pronto, você já trouxe essas questões internas e já começou a trabalhar nas ideias que vão ser aplicadas. Aí claro, a princípio faz parte ter a abertura para não impor uma solução engessada. Você tem que justamente perceber as características do projeto para adaptá-lo caso a caso,, mesmo que você tenha temas internos que você está trabalhando ali. Eu pelo menos, busco manter a abertura total para você ir no local na hora e fazer alterações.

Talvez pela forma de trabalhar, participando da implantação, e ter trabalhado com muita gente que nunca projetou no sentido formal, mas que faz lindos jardins. Eu acredito muito nesse contato direto no local. As vezes uma ideia é ótima na frente do computador, mas perde algo de essencial que só o contato direto com a área dá. Aí, na implantação, voce percebe e sabe que pode melhorar ou ajustar os planos.

Em alguns casos, aliás, é fundamental manter o desenho aberto: Há jardins onde a gente nem chega a desenhar os canteiros. O que a gente define é o ritmo, as relações de proporção, as espécies e o papel delas na composição.

Porque, dependendo do caso, o desenho de distribuição das plantas realmente não importa. Se a planta está aqui, um metro pra lá ou três metros pra cá... O tipo de composição que você está fazendo é mais livre, e você quer justamente dar a ideia de uma vegetação que não foi plantada.

Principalmente em projetos de inspiração naturalista, o que importa é o ritmo das plantas, a proporção entre elas, a faixa de ocorrência que elas ocupam, o papel ecológico que desempenham.

Seria um engessamento ficar marcando onde o jardineiro tem que plantar cada espécie. Muitas vezes, a gente faz só uma orientação geral, como um projeto que ao invés de uma planta baixa, traz um conjunto de instruções: quantas mudas, qual a regra geral de distribuição entre elas, quais devem ser parceiras, quais devem estar separadas...

CAROLINA BORGES

E eles seguem certinho?

JULIO PASTORE

Se orientações forem bem construídas, a parte de implantação tem mais autonomia. A própria equipe de jardineiros sabe o que deve fazer, desde a separação e quantificação das mudas até o preparo da área, distribuição e plantio.

Varia. Tem projetos em que o desenho de plantio, o “planting design”, possui uma objetiva locação do plantio de cada espécie que de. Em alguns casos, ela deve ser absolutamente respeitada. Mas, na maioria dos casos, principalmente se há a possibilidade de acompanhamento técnico da implantação e quando se trata da formação de canterios mistos, comuns em jardins naturalistas, a marcação direto em campo é muito prática. Em especial quando se já tem bem claro a lógica por detrás do desenho.

É como se fosse uma partitura de música: você tem a melodia ali, mas há liberdade para seguir aquela ideia ou alterá-la.

É como aqueles desenhos que se compra em preto e branco, só com os contornos, em que cada área vem numerada indicando o lápis a ser utilizado. Você pode seguir exatamente como está... ou pode criar por cima, muitas vezes mantendo o cerne da ideia original.





CAROLINA BORGES

E ele vai crescer, né? às vezes ele entra para cá ou para lá... Não adianta essa geometria muito rígida, porque o jardim não obedece a geometria. Às vezes uma planta cresce mais que outra e vai invadindo.

JULIO PASTORE

Faz parte né? Principalmente em jardins muito dinâmicos. Mas há casos e casos. O Sequeiro, por exemplo, é um jardim que é todo desenhado, a gente marca ele no solo seguindo a “planting design de cada ano, o mais perfeitamente possível. Só então jogamos as sementes. É um jardim que segue o projeto, pois é feito por muitos voluntários. A idéia é seguir o projeto, mas ele mesmo já é feito dentro de muitas contingências. E quando há alguma falha no crescimento, ou falha mesmo no plantio, acabamos fazendo alterações usando o que temos na mão. E está tudo bem!

CAROLINA BORGES

Vocês participaram do projeto de Ilhotim também, certo? Teve muita diferença com relação a execução, por ser um espaço mais aberto? Como que isso se deu?

JULIO PASTORE

Em Ilhotim a gente estava numa encosta de montanha em que foi criado um patamar em que era usado como viveiro, para a produção de mudas.

Esse patamar foi estabilizado através de compactação e nivelamento. Quando decidiram desmontar o viveiro para construir novas galerias, surgiu a oportunidade de plantar um jardim temporário, um Jardim de Sequeiro, até que as obras comesçassem. Um jardim experimental. O jardim foi desenhado com andamento sinuoso, aberto, com vista para a serra. Do lado da encosta, estava ladeado por palmeiras enormes. Do outro lado, matas muito verdejantes. Em muitos aspectos, o oposto do ICC.

Desenvolvemos um projeto que tirava partido da forma alongada do patamar, com a entradas/saídas nas duas extremidades. Então se fez um caminho principal, que se partia em dois, que corriam sinuosos e se encontravam e se separavam novamente, para se reunificar na outra ponta. Algumas praças de estar, para fruição, e algumas ilhas formadas pelos caminhos, que abrigavam conjuntos vegetais especiais. Nas partes mais amplas criamos um jardim que tinha faixas ritmadas de três em três metros, como o espaço dos pilares do ICC. Então, o jardim construía esse ritmo que remete ao Jardim de Sequeiro, criando faixas de gramíneas nativas.

O projeto foi feito maneira a poder ser plantado por voluntários (onde é importante que cada um possa contribuir para o desenho final, com tarefas bem precisas) e da maneira mais simples, direta e efetiva possível. Afinal, o jardim ali, de mais de 3.000 metros quadrados, seria plantado em 3 ou 4 dias.

CAROLINA BORGES

PComo foi a manutenção deste jardim à distância?

JULIO PASTORE

A gente plantou dois ciclos, com maior ou menor sucesso. Plantou um ciclo, resultados satisfatórios, daí nos convidaram para voltar lá e plantar outro ciclo. A partir de então, a área foi destinada a construção de galerias. Ainda não está claro se vão continuar os testes em outros lugares, mas acredito que as dificuldades de manejo impactaram nos resultados, que poderiam ter sido ainda melhores. É uma técnica diferente da tradicional, e tivemos dificuldade de nos articular à distância.

CAROLINA BORGES

Como se da a aceitação do Jardim de Sequeiro? Você sentiu mais resistência pela população ou foi aceito de imediato?

JULIO PASTORE

O Jardim tem tido grande aceitação na UnB. Acredito que pelo fato de ser bem florido, movimentado, cria interesse. Na fase que ele começa a secar, principalmente depois de abril, se ouve muito:

“o jardim está morrendo, cadê o povo para aguar? Há uma grande necessidade de comunicação. Hoje, boa parte da comunidade entendeu que é um jardim temporário. Tem, claro, muita gente que acha feio, na hora que está secando. Aí está nosso trabalho, né? ajudar a mudar o modo de perceber.

Uma história engraçada em relação a isso: No primeiro ciclo, ainda estava na pandemia, 2021. Quando o jardim floresceu, ficou bonito, a gente chamou o jornal pra ver o que já tinha. Tiramos umas fotos bonitas, mandamos para o jornal. E eles demoraram para vir, imagino que com outras pautas urgentes. Eles demoraram não muito, talvez três semanas ou um mês. Quando o pessoal da TV veio, o jardim já estava completamente seco. Já estávamos na começando a colher as sementes.

Conversamos com eles, andamos pelo jardim e mostramos a beleza que ele tinha, mesmo estando seco. A reportagem escrita ficou maravilhosa. Só que o fotógrafo fez algumas fotos da gente e depois começou a fazer fotos dos jardins laterais. Nós o avisamos que o jardim era aquele seco mesmo, mas ele falou que as fotos eram para banco de imagens e que não iam sair na reportagem.

Adivinha? Quando a reportagem saiu, a foto principal era do canteiro lateral, que não tinha nada a ver com o nosso. A manchete dizia “Jardim de Sequeiro cinova....” e a imagem era do jardim mais comum e tradicional possível.

Eito ilustra **a dificuldade de fazer um jardim que não é reconhecido pelas pessoas**. Para o fotógrafo, e para os editores, o que se podia chamar de jardim era o outro. Isso é muito ilustrativo dessa dificuldade.

Agora com as redes sociais, muita gente interage, gente que nem é de Brasília, que nem conhece. Alguns comentários me fazem pensar. A spessoas as vezes não entendem, não vêem beleza alguma. Certamente não agrada todo mundo. Nem o jardim, nem o ICC. Mas quando está florido, principalmente nas fases iniciais, quem vê costuma gostar muito.

CAROLINA BORGES

Vejo o Sequeiro e outros jardins naturalistas como uma valorização da nossa cultura, da nossa região, como resistência a essa cultura neoliberal de homogeneização das paisagens.

Isso também acontece na arquitetura, imposição de arquiteturas que não fazem parte da nossa cultura e que não estabelecem uma relação de identificação, pertencimento e identidade. Então acho que esse tipo de coisa revigora uma autoestima.

JULIO PASTORE

Eu não costumo colocar nos termos de uma oposição a uma realidade neoliberal. O que costuma ocupar meu pensamento é o jardim como proposta de renovação estética e de maior sustentabilidade. Um experimento voltado a desenvolver instrumentos de paisagismos, tanto expressivos quanto compositivos, que permitam um paisagismo referenciado pela nossa paisagem.

De qualquer forma, talvez se ligue à sua pergunta, porque importar modelos estéticos estrangeiros causa um distanciamento em relação à nossa realidade e geralmente implica em alto custo ambiental.



Objetivamente, você fazer um jardim aqui no Cerrado como se estivesse na Inglaterra ou mesmo no Rio de Janeiro, pode exigir um nível de interferência, de irrigação, de mão de obra, de herbicida, de agrotóxicos, adubos, que faz com que, ao invés das áreas verdes contribuírem para a sustentabilidade, elas se tornem um peso ambiental, consumindo nossos recursos, nossa água e, inclusive, nos envenenando no processo.

Isso ocorre porque nossa expectativa de área verde está dissonante com a nossa realidade. De um ponto de vista mais subjetivo, também um jardim que se contrapõe a nossa paisagem, é péssimo, né? É como se estivéssemos sempre a valorizar o que não é nosso.

Então acho que por esse lado, o paisagismo pode contribuir para vermos mais beleza na nossa paisagem: perceber beleza do cerrado, suas estações, conseguir traduzir e expressar essa beleza em projeto paisagístico, e talvez assim aumentar a sensibilidade para novas soluções

Por exemplo: Brasília é uma cidade que tem ainda contato com áreas de cerrado, em alguns pontos, que seja nas estradas que passam e ligam as áreas administrativas. Ter sensibilidade de perceber o processo de degradação das manchas de cerrado que está acontecendo, perceber a diferença entre terrenos degradados e vegetação nativa, é fundamental para que possamos melhorar nosso manejo e evitar que tudo se transforme em terrenos baldios.



Qual é a solução que está sendo dada? Arborizar sempre, para que elas se pareçam com bosques? Mas há áreas lindas, campestres, cheias de flores. Uma pena que passem despercebidas.

Você está perdendo uma possibilidade de contato com outras belezas do Cerrado, e belezas que sustentam diferentes biodiversidades. Brasília vai perdendo o contato com o Cerrado.

CAROLINA BORGES

É porque o cerrado sempre foi considerado uma... Era marginalizado, vamos dizer assim, a vegetação do cerrado. E aí, de uns tempos para cá está tendo essa valorização de utilizar o cerrado com uma forma de expressão. E vai crescer mais rápido e vai precisar de menos manutenção por ser uma vegetação que é nativa. Em vez de fazer de fora, que você teria que dar uma manutenção mais cuidadosa, demora mais a crescer, dura menos... Então tem tudo isso.

JULIO PASTORE

Então acho que o paisagismo pode contribuir nisso. **Ajudar a gente a reconhecer a beleza, trazer ela para mais perto e preservar a que já está perto da gente. E criar novos valores, quem sabe renovar os espaços verdes, novas belezas, mais sustentáveis, mais ligadas à nossa realidade local.** Talvez aí esteja uma grande oportunidade de inovação estética e possibilidade de importante de contribuição para o paisagismo.



